

# Jornal da Tarde sábado

**JT**  
Jornal da Tarde  
10 DE MARÇO DE 2007

## curioso cidade

Quer matar sua curiosidade?  
Mande seu email para o curioso@jt.com.br

**MARCELO DUARTE**

Autor da série de livros  
**O Guia dos Curiosos**

Com reportagem de  
Juliana Araújo  
e Juliana de Faria



**Achados paulistanos**  
Biscoito de polvilho com parmesão  
Padaria Santa Marta, Rua Heitor Penteado, 1.057, 3865-2432

**Como uma idéia tão simples – e tão genial – demorou tanto para surgir? O toque do queijo deixa o salgadinho muito mais apetitoso. Lembra um pão de queijo crocante. R\$ 26 o quilo.**



## MANGÁS



Sérgio Castro/AE

Descendente de europeus, Fábio Shin começou a desenhar mangás aos 5 anos. Mais tarde, tornou-se o primeiro professor da arte no bairro da Liberdade

# Sem olhinhos puxados

O nome artístico dele é Fábio Shin. Aprendeu a desenhar mangás aos 5 anos e, aos 11, já fazia tirinhas para jornais de bairro. Mais tarde, tornou-se o primeiro professor da arte no bairro da Liberdade, ao abrir a escola Japan Sunset ([www.fabioshin.com](http://www.fabioshin.com) e 9292-3937) em 1996. O currículo de Shin é notório: ainda mais porque, como se vê na foto acima, ele não é descendente de japoneses e espanhóis", conta. "Meus pais dizem que eu tinha nascido em família errada", brinca.

Para satisfazer os desejos do filho, o

casal percorreu a Cidade atrás de um curso especializado. Como não achou, o jeito foi matricular Shin em um curso de desenho tradicional. "Fui aprendendo por conta própria", lembra. "Ficava xeretando livros de mangá nas livrarias." Hoje, Shin também oferece aulas nos bairros de Vila Formosa, Freguesia do Ó e Vila Carrão, além das cidades de Osasco e Sorocaba. A matriz, fundada na Liberdade, mudará para a Rua Tutóia, na Vila Mariana. No total, a Sunset Japan tem 145 alunos entre 7 e 64 anos. "Olha que engraçado: a maioria não é descendente de japonês", afirma Shin. O curso

de uma aula de duas horas por semana custa R\$ 65.

Com o passar dos anos, o mangá se difundiu na cultura brasileira e Shin precisou apostar em algo diferenciado. Foi aí que ele se dedicou a *onikayou* - caricaturas em formato de mangá. Em 1998, o desenhista foi a um shopping para promover a novidade. "O público do local adorou e houve a maior comoção." Abançou foi tanto que os seguranças do shopping tiveram de pedir para que Shin se retirasse. **Ficou curioso? Dê uma olhada no meu [nikayou](#) aí em cima da página.**

## ELE CARREGA O CORAÇÃO NO NOME

O verdadeiro sobrenome de Fábio é Pontes Ramon Selin. Shin é um apelido carinhoso dado por um amigo que vem do ideograma japonês Kokoro. Significa "sentimento do coração". "Ele me chamava assim, pois expresso muito meus sentimentos quando desenho", explica. "Dá para ver, pelos meus traços, se estou feliz ou triste."

## PERGUNTA CURIOSA

### O que é feito com os cones irregulares da Cidade?

No meio do caminho tinha um cone. Tinha um cone no meio do caminho. Para solucionar o problema, agentes das subprefeituras retiraram os cones irregulares usados por empresas de valet. Na hora da apreensão, os fiscais entregam uma guia para os responsáveis e levam os cones para os galpões das subprefeituras. Cada regional tem o seu depósito. A de Pinheiros, por abranger bairros com grande quantidade de barzinhos, é a que mais apreendeu cones - cerca de 140. Os proprietários podem reavê-

los, mas haja dor de cabeça. É preciso comparecer à subprefeitura e pagar uma multa de R\$ 166,96, mais a diária (R\$ 1,15 por peça) e o valor da condução (R\$ 1,90). Como o preço é salgado, fica mais barato comprar cones novos. Se em 30 dias não houver qualquer manifestação dos proprietários, todo o material é doado para entidades cadastradas. É o que geralmente acontece. Antigamente, eram feitos leilões com as apreensões, mas muitas vezes o dinheiro arrecadado não cobria o gasto com os eventos.

José Luis da Conceição/AE



Este é o galpão de material apreendido da Subprefeitura de Pinheiros

## Data de validade

As caixas de alfajores argentinos Havana estão em promoção no estande do Shopping Vila Lobos. Mas, logo em seguida, os atendentes avisam que tamanha generosidade tem uma explicação: falta apenas uma semana para o prazo de validade expirar. O preço da caixinha de seis unidades cai de R\$ 22 para R\$ 16. A dois dias do vencimento, o desconto é ainda maior. O valor vai para R\$ 14. O curioso é que esta cena tem se repetido com frequência por lá. Está difícil comprar uma caixa que possa ser saboreada com calma.



## Visita protocolar

Os almoços do Café Aprendiz (Rua Belmiro Braga, 186, Vila Madalena; 3819-1035), sempre servidos às 12h, foram excepcionalmente alterado ontem para às 13h15. O motivo foi a visita da primeira-dama norte-americana, Laura Bush, ao local - nenhuma novidade para quem acompanhou as notícias sobre a vinda do presidente dos Estados Unidos a São Paulo. Mas, quem faz parte do mailing do restaurante recebeu quarta-feira um e-mail com um toque de mistério avisando sobre a postergação do horário: "Queridos amigos e clientes, por motivo de visita protocolar internacional, aguardamos vocês para o nosso almoço desta sexta-feira a partir das 13h15. Agradecemos sua compreensão." De acordo com a assessoria do Aprendiz, a divulgação do evento foi proibida. Daí, tamanha "cerimônia" na hora de redigir a mensagem. Será que funcionou? Alguém aí não sacou o que o e-mail queria dizer?

## Traçando São Paulo

A praça no bairro de Santo Amaro presta uma homenagem a um dos maiores líderes da comunidade judaico-brasileira. Leon Feffer nasceu na cidade de Rovne, Rússia. Chegou ao Brasil em 1920. Foi conselheiro honorário de Israel em São Paulo; fundador e presidente da Associação Brasileira "A Hebraica" de São Paulo; da Federação Israelita do Estado de São Paulo; presidente do Conselho da Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Hospitalar Albert Einstein; da Sociedade Brasileira Renascença. Morreu em 1999. Fonte: [www.dicionarioderuas.com.br](http://www.dicionarioderuas.com.br)

Praça Leon Feffer

## SERVIÇO

### Sua vida é uma bagunça? Ela dá um jeito

Pode ser chato para muita gente, mas Sílvia Nogueira Pires adora fazer. Desde pequena, ela já arrumava os armários bagunçados das amigas - separava as roupas por cor e por estação do ano. Formada em comunicação visual, Sílvia deixou a decoração, área em que atuou por 25 anos, para ganhar dinheiro colocando a vida alheia em ordem. Abriu a empresa Sem Bagunça (8283-0077 ou [sembagunca.sil@uol.com.br](mailto:sembagunca.sil@uol.com.br)), que faz um pouco de tudo por quem não tem tempo (ou vontade) para cuidar de casa.

Sílvia começou pelos armários. "Se fosse em outra época, diriam que é serviço de empregada, mas as mulheres não têm nem tempo para ensiná-las", justificava. Agora, prepara até enxovais e coordena mudanças de famílias em apuros. Sua cliente Luciana Arcanelli, de 35 anos, é uma delas. Grávida de oito me-



Vidal Cavalcante/AE

A ex-decoradora Sílvia Nogueira sempre gostou de arrumar armários

ses e prestes a se mudar, ela foi socorrida por Sílvia. "Eu estava fisicamente limitada e ela resolveu a minha vida", conta. Na casa nova de Luciana, Sílvia organizou os armários do bebê, hoje com 10 dias, dela e do marido, que trabalha fora o dia todo. "Ah! Ela também arrumou a despensa", lembra a cliente.

Sílvia trabalha ao lado de uma assistente. "Mas a parte mais difícil, como or-

ganizar uma louçaria, fica comigo", explica a ex-decoradora, que também já foi chamada para ajudar arquitetos a desenhar armários e ensinar empregadas domésticas a organizar - tudo pela "necessidade de mercado". "A mulher moderna não aprende mais esse tipo de coisa." Ela cobra R\$ 60 por hora e o trabalho pode levar até 15 dias, dependendo do tamanho da bagunça.

## CABELEIREIRO

### Ao som das tesouras e dos CDs

O cabeleireiro Ricardo Cassolari, do salão L'Autre Femme (Rua Araçari, 174, Jardim Europa; 3168-6333), não consegue trabalhar em silêncio. Ele só corta cabelos ouvindo música. Do lado de sua cadeira, ele tem à disposição 500 CDs de ritmos variados. "Ela ajuda a equilibrar meu estado emocional", conta. Um intuitivo Cassolari revela que, por vezes, até seleciona uma trilha sonora especial para seus clientes. "A energia da pessoa pede uma canção em especial." Essa mania começou em 1991, quando Cassolari descobriu o new age. "Eu estava em uma fase ruim", confessa. Problemas na família e no trabalho o deixavam estressado. Para relaxar, o cabeleireiro apostava em CDs do ritmo tranquilo. Só que a serenidade chegou em um limite. "Comecei a me sentir meio morto e troquei a trilha para um rock", diz. Ele garante que não funciona com iPod, pois o ritual de mudança de CDs não se limita às músicas. "A capa também influencia o momento."



Niels Andreas/AE

Ricardo Cassolari seleciona uma trilha sonora especial para cada cliente